

IV Conferência Internacional
para a Inclusão
2016

Livro de atas

INCLUDiT

Conferência Internacional
para a Inclusão

Livro de Atas da 4ª Conferência Internacional para a Inclusão - 2016

Ficha técnica

Título

Livro de atas da IV Conferência Internacional para a Inclusão 2016

Organizadores

Carla Sofia Freire

Catarina Mangas

Célia Sousa

Edição

Instituto Politécnico de Leiria – IPLEiria

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – ESECS

Centro de Investigação em Inclusão e Acessibilidade em Ação - iACT

Local

Leiria

Data de publicação

Junho, 2017

Projeto gráfico

Carlos Silva

ISBN

978-989-8797-14-8

O Apoio das Forças de Segurança a Pessoas Idosas Isoladas: um estudo de caso em Ourém

Luísa Pimentel (Escola Superior de Educação e Ciências Sociais - Luisa.pimentel@ipleiria.pt)

Cezarina Maurício (Escola Superior de Educação e Ciências Sociais - Cezarina.mauricio@ipleiria.pt)

Marta Marques (Mestrado em intervenção para um Envelhecimento Ativo – Politécnico de Leiria -cas-tromarques4@gmail.com)

Resumo:

A vulnerabilidade das pessoas idosas que vivem em situação de isolamento agrava os riscos de solidão, exclusão, violência e criminalidade, suscitando interesse crescente dos meios de comunicação, das instituições sociais, dos agentes políticos e das forças de segurança.

Nesta comunicação apresentamos as conclusões de um estudo realizado no âmbito do mestrado em Intervenção para um Envelhecimento Ativo, que procurou descrever o Programa Apoio 65 – Idosos em Segurança, implementado pela Guarda Nacional Republicana (GNR), e compreender as suas implicações na vida dos idosos. Tendo por base uma pesquisa exploratória e descritiva, realizou-se um estudo de caso, analisando a intervenção de uma equipa da GNR de Ourém.

O Programa Idosos em Segurança no concelho de Ourém emerge da crescente identificação de casos sociais pelos militares no desempenho das suas funções diárias e da sinalização por parte das populações. Os militares têm uma perceção positiva sobre o Programa e sobre a sua intervenção, ainda que reconheçam a falta de formação e de preparação inicial para intervir, bem como a escassez de recursos humanos face à dimensão dos problemas sociais que encontram. A perceção dos idosos também é positiva, manifestando confiança nos militares e referindo que lhes transmitem um sentimento de segurança. Concluímos que um dos méritos do Programa se prende com a proximidade em relação às populações. Estes profissionais surtem como parceiros essenciais nas redes de ação social locais.

Palavras-chave: Pessoas Idosas; Isolamento; Forças de Segurança.

Abstract:

The vulnerability of elderly who lives in isolation increases the risk of solitude, exclusion, violence and criminality against them. These cases have led to an increasing interest by the media, the social institutions, the political agents and the security forces.

In this communication, we present the conclusions from a study conducted within the Masters in Intervention for an Active Ageing. This study intended to describe the 65 Support Program – Safety in the Elderly, that was implemented by Guarda Nacional Republicana (GNR) and understand its implications in the elderly's lives. Based on an exploratory and descriptive research, a case study was carried out, analysing the intervention of a team from Ourém GNR.

The Safety in the Elderly Program in Ourém municipality emerges from the growing identification of social cases by the guards, while they are carrying out their daily functions, and by the signalling by the population. The guards have a positive view of the Program and of their role in it. However, they recognize the lack of training and initial preparation to intervene, and the shortage of human resources when compared to the number of social problems they encounter. The elderly also have a positive opinion about the Program, expressing confidence in the guards and referring the fact that they give them a feeling of security. We conclude that one of the Program's merits is the increased proximity to the population. These professionals emerge as key partners in local social action networks.

Keywords: elderly; isolation; security forces.

Introdução

O crescimento acentuado do número de pessoas idosas, em particular das muito idosas, que por razões familiares, sociais ou económicos vivem em isolamento, é motivo de preocupação e de intervenção por parte de diversos agentes (CES, 2013; Cabral e Ferreira, 2014). A vulnerabilidade das pessoas que vivem nesta situação agrava os riscos de solidão, exclusão social, violência e criminalidade (Ferreira, 2015; APAV, 2010) e tem suscitado um interesse crescente dos meios de comunicação, das instituições sociais, dos agentes políticos e das forças de segurança.

Na presente comunicação pretende-se apresentar as principais conclusões de um estudo realizado no âmbito do mestrado em Intervenção para um Envelhecimento Ativo (Politécnico de Leiria), que procurou, em

INCLUDI IV

termos genéricos, descrever o Programa Apoio 65 – Idosos em Segurança implementado pela Guarda Nacional Republicana (GNR) e compreender as implicações do mesmo na vida dos idosos. Em termos mais específicos, pretendia-se conhecer os objetivos e as características do Programa; identificar os recursos mobilizados; identificar os critérios de seleção dos idosos, as suas características e os riscos a que estão sujeitos; conhecer os constrangimentos inerentes à implementação do Programa; analisar as perceções dos militares e dos idosos sobre o Programa.

Tendo por base uma pesquisa exploratória e descritiva, realizou-se um estudo de caso, analisando a intervenção realizada por uma equipa da GNR de Ourém.

Enquadramento Teórico-Científico

O aumento da longevidade é entendido como uma conquista da humanidade e viver até idades tardias é um anseio da maioria de nós. Contudo, a elevada longevidade que se tem alcançado nos últimos anos nem sempre está associada a qualidade de vida e a bem-estar, quer por fatores relacionados com a saúde dos indivíduos, quer por fatores sociais e económicos.

Viver até idades muito tardias com saúde e funcionalidade não é uma garantia para todos, traduzindo-se, frequentemente, em procura de apoio para a satisfação das necessidades básicas (Lage & Araújo, 2014). O grande desafio da atualidade já não passa tanto por aumentar o número de anos que vivemos, mas por aumentar os anos de vida saudável, especialmente no caso das mulheres que apresentam níveis de morbidade mais elevados (Perista & Perista, 2012). De acordo com estes autores, homens e mulheres estão sujeitos a riscos específicos na velhice, associados às suas trajetórias de vida e à forma como envelheceram. As mulheres idosas estão, geralmente, em situação de maior vulnerabilidade, pois, entre outras coisas, têm níveis de escolaridade e rendimentos mais baixos, vivem sozinhas com maior frequência e estão mais sujeitas a violência doméstica.

Por outro lado, também existem fatores culturais, sociais e económicos que nos levam a construir uma representação negativa da velhice e a lidar com o fenómeno do envelhecimento das sociedades como um problema. Para Cabral e Ferreira (2014, p. 11) "o envelhecimento apresenta-se como um dos problemas cruciais do século XXI. As últimas décadas do século passado registaram um aumento ininterrupto do número de pessoas idosas que transformou as sociedades mais desenvolvidas em sociedades envelhecidas".

INCLUDIT IV

São muitos os idosos a viver sozinhos e isolados, sem qualquer acompanhamento, ou a viver e a ser cuidados por outros idosos. O Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP, 2012, p.97), citando dados dos censos de 2011, refere que grande parte dos idosos portugueses vive sozinhos (19,8%) ou com outras pessoas idosas (38,9%). No universo das pessoas que vivem sós, os idosos representam 47% (Conselho Económico e Social - CES, 2013, p.8). Não podemos, todavia, associar este facto, de forma simplista e linear, ao isolamento ou ao sentimento de solidão. Apesar do CES indicar que uma em cada cinco pessoas idosas estão isoladas, indica também que apenas 2% refere não ter qualquer contacto social.

Cabral e Ferreira (2014), num estudo representativo dos portugueses com mais de 50 anos, revelam que a esmagadora maioria das pessoas inquiridas manteve relações de confiança no último ano. Só cerca de 8% afirmam não ter ninguém com quem conversar sobre assuntos importantes, o que não significa que estejam desprovidas de contactos sociais. O estudo demonstra, também, que à medida que a idade aumenta diminui a frequência dos contactos, a dimensão e a densidade das redes sociais. Se a esta particularidade somarmos o aumento da morbilidade, a perda de funcionalidade e o aumento dos estados demenciais (CES, 2013; Fernandes, 2014), percebemos que os riscos de exclusão, isolamento e violência aumentam de forma significativa em idades muito avançadas.

Assim, apesar de parecer haver alguma dissonância entre os dados que demonstram a existência de redes de sociabilidade e solidariedade fortes nas últimas fases da trajetória de vida e os que indicam que as pessoas idosas se sentem frequentemente sós (Paúl, 2012; Pais, 2006), percebe-se que as pessoas que estão mais envolvidas nas dinâmicas familiares e comunitárias são as mais independentes e autónomas, agravando-se o sentimento de solidão em idades mais tardias.

Como já referimos, há que distinguir entre solidão e isolamento social. "A situação de isolamento social é uma condição de ausência de contactos sociais, provocada por condições objetivas do contexto social e físico em que as pessoas habitam, nomeadamente o residir em zonas remotas ou, no contexto urbano, não obstante haver pessoas por perto, não haver contactos, por ausência de família ou esta ser inacessível, nem existirem redes informais de vizinhança que preste apoio." (Paúl 2012, p. 33).

O sentimento de solidão pode resultar do isolamento social ou não decorrer dele. Para Vieira (2014), as redes relacionais são de grande importância na velhice. Sentir a presença das pessoas que nos rodeiam e que são

INCLUDIT IV

significativas é uma necessidade humana. É importante salientar que também a passagem à reforma pode ser uma das causas de isolamento, pois é no contexto de trabalho que desenvolvemos uma parte significativa de relações sociais.

A fragilidade associada aos problemas de saúde e à diminuição das redes relacionais podem comprometer a segurança e a independência dos mais velhos, aumentando o risco de violência.

“O envelhecimento acentua riscos, correlativos da idade, da vulnerabilidade do estado de saúde; do isolamento social e da solidão propriamente dita; da dependência não só física e mental, como em muitos casos económica também; e finalmente, da estigmatização, seja a discriminação excludente ou o preconceito paternalista, condescendente e minimizante, em relação aos chamados «velhos»” (Ferreira 2015, p. 185).

Segundo Dias (2005) durante muito tempo acreditámos que a velhice era altamente valorizada e reconhecida nas sociedades tradicionais. Contudo, a velhice, apesar de significar fonte de poder e valorização, significava também impotência e inutilidade. A violência contra os idosos, o seu abandono e isolamento social não são fenómenos exclusivos das sociedades industrializadas, sendo comuns em diferentes épocas e contextos históricos. Para esta autora a perceção social de falta de poder por parte dos idosos e a desvalorização de que são frequentemente alvo, alimentam processos de intimidação e de abuso. Realça que os maus tratos aos idosos só foram reconhecidos como problema social nos anos 80 do século XX. Assim,

“O conceito de mau trato de idosos refere-se a um comportamento destrutivo, dirigido a um adulto idoso, que ocorre num contexto de confiança e cuja frequência (única ou regular) não só provoca sofrimento físico, psicológico e emocional, como representa uma séria violação dos direitos humanos” (Dias, 2005, p. 262).

Existem vários tipos de mau trato contra a pessoa idosa podendo ser abuso físico, psicológico, material e negligência. Para além dos maus tratos, as pessoas idosas também podem ser vítimas de outro tipo de “inferiorização”, associada a formas de discriminação “idadistas” (Marques, 2011).

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2010) afirma que durante muito tempo as atenções estiveram voltadas para as crianças e para as mulheres, não dando muita relevância às vítimas de idades mais avançadas. Atualmente, a atenção a este fenómeno tem aumentado, nomeadamente por parte de instituições internacionais, como a Organização Mundial de Saúde, que entende os maus tratos às pessoas idosas como um problema de saúde pública. Esta realidade provoca grande sofrimento às vítimas, reduz a sua qualidade